

ATIVISMO VEGANO, SENSIBILIZAÇÃO E EMOÇÕES: NOTAS SOBRE O “MC DIA INFELIZ”

VEGAN ACTIVISM, SENSIBILITY AND EMOTIONS: NOTES ON THE “UNHAPPY MC DAY”

Diego Breno Leal Vilela

brenovilella@yahoo.com.br

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade do Rio Grande do Norte (PPGAS/UFRN).

RESUMO

Neste artigo, refletirei acerca do ativismo vegano a partir da minha experiência de pesquisa realizada predominantemente na cidade do Natal-RN, mas que também se estendeu a outros contextos, tais como as cidades de Recife-PE e Campina Grande-PB. Constitui objetivo principal evidenciar as conexões existentes entre o ativismo vegano e o tema das emoções, tendo em vista a importância que a sensibilização e a linguagem emocional possuem para esse tipo de ativismo. Para tanto, levarei em consideração dois momentos importantes da minha pesquisa etnográfica: o processo de tornar-se ativista vegano e um outro que expressa a sua prática a partir de um protesto realizado contra a empresa Mc Donald's, chamado de “Mc Dia Infeliz”. Ao longo do texto, articularei também os dados etnográficos de pesquisa com temas mais amplos, que envolve movimentos sociais e emoções.

Palavras-chave: Ativismo Vegano. Sensibilização. Emoções.

ABSTRACT

The aim of this article is to reflect about the vegan activism from the research I have done predominantly at the city of Natal-Rn, although also extended to other contexts, like the cities of Recife-PE and Campina Grande-PB. The focus of this analysis will be highlighting connections between vegan activism and emotions, knowing how important sensitization and emotional language are to this kind of activism. I will take into consideration two major moments in my ethnographic research: becoming myself a vegan activist and the expression of such practice by taking part of a demonstration against Mc Donald's, a manifestation named by the activists as “Mc Dia Infeliz” (MDI) – in English, equivalent to “Unhappy Mc Donald's Day – that happened at the city of Recife-PE, but that was also carried out by activists from different locations in Brazil, among them, those from Natal-RN. Likewise, I will raise some issues involving the process of becoming a vegan activist, as well the relation between the activism for animal's rights and the social movements and emotions theme, considering the importance that the designated awareness-raising activities embraced by the time this investigation was conducted.

Keywords: Vegan Activism. Sensitization. Emotions.

Desde o início da década de 2000, temos visto crescer as reivindicações por direitos, proteção e bem-estar para animais. Não são poucos os fatos que podemos elencar capazes de ilustrar esse crescimento. Protestos contra rodeios e vaquejadas, invasão de institutos de pesquisas para salvar animais usados em testes, a multiplicação de grupos autônomos e organizações não governamentais que resgatam, castram e promovem feiras de adoção para animais; multiplicação também do número de candidatos a prefeito, vereadores e deputados que têm levantado a bandeira da chamada “causa animal”; da criação de leis, Frentes Parlamentares e realização de Audiências Públicas em várias casas legislativas de cidades brasileiras; da criação de órgãos do poder executivo como Secretarias de Direitos Animais ou mesmo de serviços públicos como campanhas para a castração ou Hospitais Veterinários Públicos e, mais recentemente, da criação de espaços públicos voltados para animais (Cães), a exemplo do “Parcão”, na cidade do Recife.

Longe de ser algo homogêneo, os grupos, pessoas e organizações que estão atuando no que podemos chamar genericamente de “causa animal”, é formado por uma multiplicidade de atores, agências e instituições, com posicionamentos muitas vezes dissonantes no que diz respeito às “ideologias”, aos objetivos a serem alcançados e às estratégias de ação.

Certamente a cisão mais evidente é a que existe entre *bem-estar animal* e *abolicionismo animal* (FERRIGNO, 2012; MUNRO, 2012). Em síntese, os grupos relacionados com o *bem-estar animal* têm como principal foco a busca por melhores condições de vida para os animais. Inclui-se aqui um amplo leque de ações, que abarcam desde os protetores que promovem resgates de animais de rua, castração e realização de feiras de adoção, assim como as granjas e açougues que criam animais livres do confinamento e realizam o abate de modo “humanitário”. Por sua vez, a perspectiva *abolicionista animal* defende a total abolição do uso de animais para fins humanos a partir de argumentos como a abolição do *status* de propriedade dos animais ou senciência¹ (FRANCIONE, 2008). A consequência prática de uma postura abolicionista animal é necessariamente o veganismo².

Apesar de teoricamente existirem evidentes divergências entre esses dois focos de ação e perspectivas, o que tenho percebido, na prática social, é que esses atores têm agido de modo cada vez mais próximo uns dos outros. É muito comum encontrarmos veganos em eventos mais associados à proteção animal, por exemplo em feiras de adoção, assim como também é possível observarmos a presença de protetores em eventos ou atos historicamente associados ao abolicionismo, tais como campanhas antivivissecção. Um exercício interessante seria considerar em que momento esses agentes se aglutinam ou se separam.

Não obstante, esses grupos possuem em comum o fato de trazerem, de modo cada vez mais evidente, os animais para o campo de reflexão moral humana, reflexão esta que tem culminado em práticas de responsabilidade e engajamento com relação aos animais. De acordo com Matos (2012), mais do que um conjunto de práticas dispersas, a chamada “causa animal” tem agregado indivíduos em torno de ações coletivas organizadas com o objetivo de chamar atenção não apenas da população, mas também do poder público³ (MATOS, 2012).

Neste artigo, refletirei sobre o ativismo vegano a partir da pesquisa que resultou na minha dissertação de mestrado (VILELA, 2013), realizada predominantemente na cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, mas que também se estendeu a outros contextos, tais como as cidades

de Recife, em Pernambuco, e Campina Grande, na Paraíba, ao longo dos anos de 2012 e 2013. Tenho como objetivo central evidenciar as conexões existentes entre o ativismo vegano e o tema das emoções, tendo em vista a importância que a sensibilização e a linguagem emocional possuem para esse tipo de ativismo. Para tanto, levarei em consideração dois momentos importantes da minha pesquisa etnográfica: o processo de tornar-se ativista vegano e um outro que expressa um momento de concretização desse processo, quando os ativistas começam a atuar em manifestações, protestos e ações públicas. Entre as várias ações realizadas pelos interlocutores durante o momento em que realizei minha pesquisa, narrarei uma manifestação ocorrida na cidade do Recife, o “Mc Dia Infeliz”, em 25 de agosto de 2012.

TORNANDO-SE ATIVISTA VEGANO

Neste tópico tenho a intenção de demonstrar a maneira tal qual alguns dos interlocutores desta pesquisa foram passo a passo tornando-se não apenas veganos, mas principalmente “ativistas veganos”. Começarei narrando como esse fenômeno – o ativismo – surgiu em suas vidas, chegando a se tornar, na maioria dos casos, algo central para as suas vidas. Mais do que isso, caberá aqui também discorrer sobre o que essas pessoas entendem por ativismo, como o exercem, qual a repercussão dessa postura nas suas vidas e o que esperam alcançar com o ativismo exercido.

Em Natal, testemunhei a formação de um coletivo que começou despretensiosamente no ano de 2012, quando alguém fez a seguinte *postagem* no Grupo de vegetarianos e *veganos* na rede social *Facebook*: “Tem alguém interessado em ativismo aqui em Natal?”. Do debate que se criou a partir dessa *postagem*, surgiu a ideia de realizar uma atividade coletiva, já que que se aproximava o Dia Mundial Antiviviseção, dia 24 de abril. Dessa forma, os participantes do grupo virtual decidiram organizar a I Semana Contra a Experimentação Animal, de 24 a 26 de abril de 2012. A maior parte do evento aconteceu nas dependências da UFRN, basicamente no Centro de Convivência e na sala de Vídeo da Biblioteca Central. No primeiro espaço, foi montado um estande informativo; no segundo, foi exibido o documentário “Não Matarás”, produção brasileira que trata criticamente sobre o tema da experimentação animal. No último dia, o evento saiu das dependências da UFRN e foi para as ruas, momento em que ocorreu uma manifestação pública em frente ao maior shopping center da capital potiguar, o *Midway Mall*, localizado em área de grande movimento e visibilidade da cidade.

Após o ato, os participantes se reuniram, trocaram contatos e começaram a alimentar a ideia de formação de um coletivo a favor dos direitos animais. Foi a partir da intensificação desses contatos que surgiu a ideia de criar uma representação do Veddas (acrônimo de Vegetarianismo Ético, Defesa dos Direitos Animais e Sociedade) em Natal. Esse grupo surgiu na cidade de São Paulo (SP), e de acordo com o seu site, trata-se de uma organização que trabalha para promover a defesa dos direitos animais e difundir os argumentos em favor de uma alimentação e estilo de vida livres da exploração de seres sencientes: “O Veddas entende que através da sensibilização e conscientização do indivíduo é possível gerar uma mudança efetiva na maneira como os animais não-humanos são tratados em nossa sociedade”⁴. Por isso mesmo, boa parte de suas ações são organizadas para alcançar esse objetivo: sensibilizar e conscientizar o outro.

A escolha de atuar pelo Veddas em Natal não se deu por acaso. Duas ou três das pessoas envolvidas na organização da Semana Contra a Experimentação Animal, já conheciam o trabalho da organização, pois haviam participado

anteriormente do Encontro Nacional de Direitos Animais (ENDA), realizado dois anos antes em Porangaba (SP). Além de uma certa afinidade ideológica, aderir ao Veddas foi estratégico nesse momento, pois os ativistas de Natal não teriam que “começar do zero”, dado que a entidade já possuía uma estrutura de materiais para divulgação e difusão dos direitos animais. Foi dessa forma que surgiu o Veddas-RN e uma série de ações sistemáticas começaram a acontecer: reuniões periódicas, Cine Veddas, a Banca Veddas e um Grupo de Estudos. Naquele momento, o Veddas-RN contava com cerca de 10 integrantes, que se revezavam na realização e organização das atividades – número que oscilou para mais e para menos no decorrer da pesquisa.

Durante os anos de 2012-2013, realizei um total de 11 entrevistas com ativistas veganos da cidade de Natal (RN), sendo 06 (seis) do sexo masculino e 05 (cinco) do sexo feminino. Com exceção de um dos entrevistados, que possuía mais de 35 anos, os demais possuíam idades entre 19 e 28 anos. Das onze entrevistas, nove delas foram feitas com integrantes do grupo Veddas-RN, enquanto as outras três com pessoas que também se intitulavam ativistas veganos, mas que não se vinculavam formalmente a nenhum grupo ou entidade ativista.

Como se pode notar, trata-se de jovens⁵, alguns já formados no ensino superior, outros com a graduação em andamento na UFRN ou Universidade Potiguar (UNP) em cursos como Letras, Ciências Sociais, Matemática, Engenharia de alimentos, Nutrição, Artes Visuais e outros. No momento em que realizei a pesquisa, parte considerável dos interlocutores estava com a graduação em andamento e ainda não havia ingressado no mercado de trabalho. Possuíam como fonte de renda principal bolsas de estudo (Iniciação Científica, PET ou similares) ou estágios remunerados nas áreas em que se graduavam. Apenas 4 (quatro) dos interlocutores estavam empregados formalmente. Um deles trabalhava em uma empresa de engenharia; o outro era professor de inglês e editor de vídeo; um terceiro era auxiliar de cozinha em um restaurante vegano; e o quarto era o proprietário desse mesmo restaurante. Para preservar suas identidades, utilizei pseudônimos ao longo do texto. Parte dos entrevistados manifestaram essa vontade, e sem nenhuma resistência, procedi conforme o desejo de alguns deles. Vejamos agora, a partir dos dados obtidos na pesquisa, algumas das questões envolvidas no processo de tornar-se ativista.

Luís se denomina *ativista* pelos direitos animais. Não lembra exatamente quando começou seu ativismo, mas contou, que acreditava ter sido meses depois de ter se tornado *vegano*: “Eu percebi mesmo que apenas a não compactuação com a exploração animal, não iria mudar a situação vigente, então, do que adiantaria eu boicotar isso tudo, se eu não expressasse minhas opiniões, se eu não fosse um antiespecista?” (LUIS, 2013).

Os motivos que o fizeram se tornar *ativista*, se assemelham àqueles apresentados por outras pessoas ao longo da pesquisa. Tanto para Mariana quanto para Walter, o processo de tornar-se ativista se iniciou quando participaram do ENDA. Nessa época, ela era estudante da graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e havia feito o seu trabalho de conclusão de curso sobre o tema dos direitos animais. Uma das pessoas que ela havia entrevistado para a sua pesquisa a convidou para apresentar os resultados do seu trabalho em tal evento. Walter a acompanhou. Foi nesse encontro, a partir dos contatos e da convivência com um número significativo de pessoas das mais variadas partes do Brasil, que ela “percebeu” “que deu o estalo que a gente devia ser ativista, e a questão de ser *vegana* na nossa sociedade não era suficiente, a questão de escolha de consumo não era suficiente” (MARIANA, 2013).

Tornar-se ativista foi uma decisão que repercutiu bastante na vida de Mariana, influenciando-a diretamente na decisão de fazer um segundo curso de graduação na UFRN, desta vez, em Nutrição⁶:

“Eu acho que uniu duas coisas, primeiro quando eu comecei a ler sobre o assunto, eu vi essa perspectiva, essas possibilidades de ter isso como uma atividade profissional, e depois, a nutrição aqui no Brasil é uma forma de ativismo também né, porque a gente acaba dando suporte para as pessoas que têm interesse em se tornarem vegetarianas, veganas. Não é uma informação tão disseminada, existem vários mitos.” (MARIANA, 2013).

Para Luiza, ter assistido a famosa palestra do ativista Gary Yourofsky⁷ foi o impulso final para que ela viesse a se tornar não apenas *vegana*, mas também ativista. Decidiu que “não podia ficar parada, tinha que fazer algo, contribuir para mudar aquela situação” – referindo-se à condição à qual os animais são submetidos⁸.

É interessante notar que esse sentimento ou vontade de fazer algo, nem sempre é acompanhado de muita precisão ou discernimento. A certeza presente é apenas a de que algo precisa ser feito, o que indica que o processo de se tornar ativista, é, antes de tudo, um aprender a ser:

“Eu não sabia direito o que fazer, assim, não sabia o que eles queriam, não sabia se eles eram especialistas em alguma coisa, eu achava que eu não tinha nada para oferecer, foi meio foda, sou muito tímida; e aí, eu fiquei lá: quando eles falavam que precisavam fazer alguma coisa, eu dizia ‘Eu faço, eu faço!’” (LUIZA, 06/02/2013).

Certamente, um aprender a ser, mas para alguns desses sujeitos o que é ser ativista?

“Ativista, pra mim, é qualquer pessoa que está ativa, pra o que ela pensa, ela acredita. E a missão dela é procurar divulgar, passar para as outras pessoas aquilo que ela acredita. Se aquilo é importante, eu tenho obrigação de tá passando aquilo pra outras pessoas.” (LEONARDO, 2013).

Não obstante, outros interlocutores, afirmaram: “Ativismo, pra mim, tá nesse sentido. Movimentação, construir eventos, propor discussões” (ALEX, 2013); “e o ativismo é isso. Eu acredito, tenho pra mim que o vegetarianismo, o veganismo é uma ferramenta importante na nossa vida, e eu gostaria de passar isso para o máximo de pessoas possíveis” (FERNANDO, 10/02/2013).

Nesse processo de “aprender a ser ativista”, o grupo de pessoas mais experientes com a “causa” possui uma importância fundamental, no sentido de incentivar, tirar dúvidas ou mesmo acompanhar os neófitos. De acordo com Diani (2003, apud Silva e Ruskowski, 2016)

“As pessoas se engajam em ações coletivas porque elas compartilham certas normas e valores relacionados a áreas específicas de disputa política. Nesta perspectiva, a participação na ação coletiva é um processo de identificação [...]. Uma vez que identidades são criadas e formatadas através de relações sociais, as redes desempenham um papel crucial. Elas constroem e reforçam as identidades dos indivíduos e proporcionam a eles a consciência política que lhes permite aproximar-se ideologicamente de determinada questão política.” (DIANI, 2003, p. 23, apud Silva e Ruskowski, p. 198, 2016).

Foi a partir do contato com integrantes do Veddass-RN, que Renato tornou-se ativista. Contou que procurava exercer seu ativismo sempre que possível. Também falou que gostaria de fazer mais coisas pela “causa”, mas justificou dizendo que não o faz por ser uma pessoa bastante atarefada e, ao mesmo tempo, dedicada ao seu curso de graduação. No momento, tem exercido seu ativismo mais na internet:

“Eu entrei no Veddass logo quando o pessoal teve a ideia de formar a Ong aqui em Natal e participei o quanto me era possível, no sentido de que eu nunca fui muito bom na teoria, nunca pesquisei muito sobre; eu vi que era algo que eu me identificava e acabei participando mesmo não me informando muito sobre aquilo. E o Veddass, para alguns tipos de atividades, precisa de um nível maior de informações, as quais até hoje algumas eu não tenho, então eu acabo participando das ações mais práticas. Eu tô procurando agora uma educação maior sobre o assunto, para ficar responsável por uma atividade de **conscientização** com as pessoas numa banca na rua.” (RENATO, 2013).

Apesar de se considerar ativista, Renato reconhece que ele próprio possui o que chamou de “algumas limitações”. Essa postura de autocrítica pode ser também notada, nas narrativas de outros interlocutores. Joana me falou que era uma ativista, embora também tenha dito que não se considerava uma “ativista completa”, por achar que precisava melhorar principalmente na maneira como abordava as pessoas. Já Walter, apesar de participar de várias ações do Veddass-RN, ainda não se achava merecedor de ser chamado de ativista. Acreditava que o ativismo exigia uma entrega muito maior do que a que dispndia na época. Ainda assim, reconhecia que “fazia alguma coisa”. Por sua vez, Mariana também tem suas dúvidas e questionamentos pessoais, mas se reconhece e se afirma como ativista publicamente:

“Eu sou muito crítica comigo e... às vezes, eu acho que eu falho como ativista. Eu acho que eu deveria me dedicar mais, porque a questão da dedicação mesmo, eu acho que o ativista, eu acho que ele não mede esforços para defender a causa em que ele atua, mas como papel político, a gente não pode se desvencilhar desse papel de ativista, né! A gente tem uma obrigação política de se colocar como ativista.” (MARIANA, 2013).

Essa autocrítica presente nas falas de muitos dos interlocutores, revela a valorização de um modelo quase idealizado do que é ser “ativista”, entendido como alguém que se dedica inteiramente à “causa”, mergulha de “corpo inteiro”, muitas vezes sacrificando parte da vida pessoal ou profissional por um ideal. Essa ideia de sacrifício pessoal, de alguém que está abrindo mão de uma série de coisas para pôr em prática aquilo em que se acredita, também parece ser uma constante, ou, no mínimo, algo bastante valorizado entre os sujeitos aqui investigados. Parece que quanto mais entrega, quanto mais se abre mão de coisas pela “causa”, mais respeito há por essas pessoas. Algumas vezes, cheguei a ouvir relatos dos interlocutores dessa pesquisa, ora falando de si, ora falando de outros ativistas, que haviam perdido disciplinas na Universidade, empregos, rompido com laços familiares e/ou relacionamentos íntimos para se dedicar ao ativismo:

“Acho que é você se esforçar para sair da sua zona de conforto, pra tentar fazer alguma coisa de fato. Poderia simplesmente virar vegana! Acabar com aqueles incômodos que eu tinha com a exploração animal e ficar na minha. Achar que eu já tinha feito o suficiente. Quando você é ativista, você se esforça, você tem que dispender seu tempo e sua energia, escolher o caminho mais difícil.” (LUIZA, 2013).

Numa outra fala, a mesma interlocutora segue apontando algumas dificuldades ou consequências para aqueles que enveredam no caminho do ativismo. Contudo, ela finda reafirmando que o sacrifício é algo que vale a pena, apesar de suas consequências: “Desgaste; perder muito tempo que poderia tá estudando; procurando emprego; é melhor perder esse tempo do que ficar parado e se deparando com o tempo inteiro com o se acha errado” (LUIZA, 2012).

Reparemos que parte significativa do conteúdo presente nas concepções sobre “ser ativista” encarna nos interlocutores como uma espécie de obrigação, do dever de estar fazendo o que é tido como certo. Trata-se de algo que parece ocorrer de acordo com o que Jasper (2013) denomina como sendo questões que envolvem moralidades e emoções:

“las *emociones morales* se refieren a los sentimientos de aprobación o rechazo basados en intuiciones o principios morales; asimismo están relacionadas con la satisfacción de hacer lo correcto (o incorrecto), y también con la de sentir lo correcto (o incorrecto).” (JASPER, 2013, p. 50).

De uma maneira geral, a narrativa dos ativistas parece partir, em alguns momentos, do pressuposto de que as pessoas desconhecem o processo necessário para que a “carne” chegue até os nossos pratos. Talvez, por isso mesmo, as chamadas ações de conscientização e sensibilização ganhem tamanho relevo, tal como afirma Sordi:

“Evocando uma das mais antigas figuras teóricas de Marx, seria como se a mercadoria carne (ou casaco de pele ou remédio) aparecesse ao consumidor como pura apresentação, ocultando atrás de si todo o processo produtivo que o conduziu até lá. O *filet mignon* que aparece no supermercado esconde o abatedouro, o confinamento, a reprodução *in vitro*, a engorda forçada. O cosmético que aparece na farmácia oculta o coelho do laboratório em que ele foi testado. Grande parte do trabalho retórico do abolicionismo consiste em lembrar – ou tornar manifesto – esse processo; recordar o que existe entre o bife e a vaca.” (SORDI, 2010, p. 19)

A esse respeito, um dos interlocutores da pesquisa explicou que o desconhecimento é apenas parte do processo, e outros fatores também estão associados e presentes. Ouvi de várias pessoas que se tratava de uma questão “cultural”: “É difícil. Infelizmente, faz parte da nossa cultura comer alguns animais. Daí, a gente naturaliza isso e não percebe a crueldade desse processo” (LUIZA, 2013). Outro interlocutor explicou que, na verdade, “o que existe mesmo é muito **comodismo** por parte das pessoas”. Além do “comodismo”, ele se referiu ao “egoísmo”, referindo-se a si mesmo como exemplo a fim de explicar sua afirmação:

“Egoísta porque eu tinha consciência do que eu estava provocando e, ainda assim, eu privilegiava os meus prazeres na alimentação, acima dos direitos daqueles animais que eu sabia que estava provocando... Eu recebi a informação, vi que eu estava enganado, que o veganismo era o mais correto. E ainda assim, mesmo com a informação, eu passei um tempo, sabendo da realidade e consumindo.” (FERNANDO, 2013).

Na fala de outro interlocutor, pode ser percebido algo muito semelhante ao que foi mencionado acima: “Mesmo sabendo do que acontece com os animais, alguns, a maioria, continuam acostumados com aquilo. Se chocam na hora, mas, quando chegam em casa, acabam **saciando o paladar** já que não têm outra opção” (RENATO, 2013).

Em um sistema que possui a carne como elemento central, uma alimentação vegetariana implica, de alguma maneira, em um processo que envolve rupturas e uma autodesconstrução de hábitos internalizados (FERRIGNO, 2011). Como podemos ver abaixo:

“Se você não nasceu numa família vegetariana, o caminho normal da pessoa é o onivorismo. O vegetarianismo, precisa passar por um processo de questionamento. Vai ter que questionar o sistema, entendeu? As ideias de que a carne é necessária, é natural, são ideias que contribuem para que as pessoas não se questionem.” (FERNANDO, 2013).

Essa questão apareceu nítida na fala de uma interlocutora:

“O ato de não comer carne não é apenas uma dieta. É um pensamento, um posicionamento. E porque elas estão tão incrustadas naquele pensamento da sociedade, que é certo comer carne, que é obrigatório, que elas não aceitam alguém saindo um pouco da linha de pensamento, fugindo da norma.” (LUIZA, 2013).

Além da “cultura”, do “egoísmo” e do “comodismo”, no entendimento de alguns dos sujeitos dessa pesquisa, outro fator aparece como sendo central para a permanência do hábito de comer carne. Joana falou a respeito disso utilizando um termo que me parece crucial no desenrolar dessa pesquisa. Diz ela:

“Para mim, a palavra chave é a **sensibilidade**, muitas pessoas sabem do que acontece com os animais nos matadouros, mas, ainda assim isso não é suficiente pra que elas se sensibilizem.” (JOANA, 2013).

Sensibilidade é mesmo uma palavra chave no discurso *vegano*. Talvez, seja por esse entendimento demonstrado acima que, para convencer outras pessoas a pararem de comer carne e utilizar produtos de origem animal, os *veganos* buscam, com alguma frequência, “sensibilizar” as pessoas. Será justamente sobre ativismo, sensibilidades e emoções que tratarei a seguir.

ATIVISMO VEGANO, MOVIMENTOS SOCIAIS E EMOÇÕES

Durante muito tempo os estudos sobre os movimentos sociais guardaram muita distância da temática das emoções. Isso porque as abordagens predominantes (tal como o paradigma da mobilização de recursos) concentraram seu foco na análise sobre os aspectos ligados às estratégias e às racionalidades próprias a esses movimentos. De acordo com Goodwin et al., em sua introdução à coletânea *Passionate Politics* (2001), essa abordagem reflete uma concepção da qual as Ciências Econômicas e também Sociais sempre foram muito tributárias, de que os atores sociais são movidos por uma racionalidade instrumental, por meio de cálculo e interesse utilitário. Em contramão à essa perspectiva, os autores propõem uma abordagem que busque refletir sobre o papel e a importância das emoções no estudo da política, trazendo à tona sentimentos e emoções como raiva, medo, nojo, indignação, paixão, alegria, tristeza, confiança e desprezo entre tantos outros aspectos que compõem o cenário da política, dos protestos e reivindicações.

Segundo Gilberto Velho, “há uma linguagem, um código através do qual os projetos podem ser verbalizados com maior ou menor potencial de comunicação” (VELHO, 2013, p. 10). Os projetos se expressam através de uma linguagem que tem o “outro” como finalidade. No caso do ativismo vegano e

seu processo de mobilização política e comunicação, as emoções e os afetos tornam-se elementos centrais. Durante minha pesquisa (2012-2013), pude perceber que boa parte do aparato de mobilização que envolve a produção de materiais, panfletos ou vídeos traz à tona o recurso da sensibilização, muitas vezes comunicada através de uma linguagem emocional. Alguns vídeos se destacam nesse processo, tal como *A carne é fraca* (2005), produção do Instituto Nina Rosa, e também o documentário mundialmente conhecido *Earthlings* (2005), só para citar alguns. A partir de depoimentos colhidos ao longo da pesquisa de campo, constatei que produções audiovisuais foram decisivas para muitos de meus interlocutores no processo de se tornarem *veganos*:

“Ética animal, a questão da senciência. Meus amigos vinham com o discurso teórico que pra mim não fazia muito sentido... daí eu assisti *Terráqueos*. Foi um choque. Depois que eu vi, eu me senti um nazista. Eu, que na época já pensava tanta coisa sobre questão de igualdade, liberdade, percebi uma falha muito grande no meu discurso: questão da ética animal, de como eu me relacionava com os outros animais.” (ALEX, 2013).

Um outro interlocutor também afirmou: “eu assisti *Terráqueos*, e realmente assim, me mudou totalmente, eu não conseguia olhar para carne do jeito que eu olhava antes, eu comecei a ter repúdio, e fui diminuindo a cada dia” (PEDRO, 2012).

Vale chamar a atenção para um “certo dilema” com o qual os ativistas veganos têm se deparado, pois, ao mesmo tempo em que muitos fundamentam suas ideias por meio de argumentos científicos, racionais, filosóficos e morais, o que parece mobilizar mais as pessoas durante os atos públicos são efetivamente as atividades com forte grau de emotividade. Por exemplo, uma das ativistas me falou sobre a realização de uma das atividades mais eficazes no sentido de mobilizar e sensibilizar as pessoas em espaços públicos:

“A gente leva a TV pra rua, fica passando filmes de sensibilização, com imagens de abate e mal trato de animais, e a gente coloca os *banners* com umas frases de efeito, e a gente espera as pessoas pararem. Daí, a gente aborda elas, o que achou dos filmes, o que achou dos banners, entrega panfletos.” (MARIANA, 2013).

Quando perguntei como as pessoas reagem aos “filmes de sensibilização”, Luiza respondeu: “A maioria das pessoas tem a mesma reação, ficam perplexas. Uma vez fui abordar uma pessoa e ela chorou. Aí, eu vi que aquilo realmente dava certo, que valia a pena se esforçar para levar aquilo para rua” (LUIZA, 2013).

Se as pessoas estão “alienadas” com relação ao processo que faz chegar a carne aos pratos, é preciso “despertá-las”, mostrá-las à verdadeira “realidade”, tirá-las da “zona de conforto”, “abrir os seus olhos” da maneira mais direta e sagaz possível, fazendo recuperar, nas palavras de Sordi, o processo que existe entre o “bife e a vaca”. Quando perguntei a uma das interlocutoras o que pretendia alcançar exercendo o seu ativismo, obtive a seguinte resposta:

“Eu busco mudança de consciência das pessoas, por isso que eu falo sempre de ética; eu acho que se todas as pessoas tiverem realmente uma noção de ética, um comportamento ético, eu acho que o mundo podia ser diferente, é uma noção mais ampla do que tentar socorrer animais.” (MARIANA, 2013).

Ter “consciência” ou “conscientizar” remete a um dever moral, à uma obrigação que motiva os ativistas para informar e educar as pessoas em geral

que ainda consomem carne, de repassar o saber que possuem. Foi isso que um ativista me contou: “se aquilo é importante, eu tenho obrigação de tá passando aquilo pra outras pessoas” (RICARDO, 2013). Em muitas ocasiões, isso é feito a partir da exposição de imagens fortes, com cenas de abate explícitas. De toda forma, o impacto que essas imagens causam só podem ser alcançado mediante o discurso que aproxima o sofrimento animal do sofrimento humano. Nas palavras de Sordi:

“Mesmo que se paute por imagens bastante recorrentes ao abolicionismo, a pura e simples exposição do sofrimento de animais não é totalmente suficiente para fundar sua gramática e sua eficácia. É necessário aproximá-lo do sofrimento humano, demonstrar sua intimidade próxima. Um grau maior de reconhecimento é esperado daí, o que também tem ensejado algumas polêmicas.” (SORDI, 2011, p. 20).

A atitude *vegana*, tal como descrita por Sordi, tem por característica o movimento de conferir ao animal um “estatuto de próximo” a partir da “exposição e reiteração de suas experiências negativas” (SORDI, 2011, p.18). Em algumas manifestações, essa ideia de tomar o “outro como próximo” ou mesmo de se colocar em seu lugar é, muitas vezes, levada ao limite. Para lembrar de um caso emblemático, ocorrido em abril de 2012, na cidade de Londres, uma ativista se voluntariou para sentir na própria pele um dia de testes similares aos que são realizados em animais pela indústria de cosméticos⁹. Como certa vez, ouvi de uma ativista: “dor é dor, independente de ser humano ou não humano”:

“AFINAL, QUEM NOS DEU ESSE DIREITO?

Porcos, vacas, galinhas, perus, peixes, coelhos, cabritos e todos outros animais são capazes de sentir fome, frio, dor, medo e angústia assim como os seres humanos. Da mesma forma que não desejamos infligir essas sensações a um humano, devemos ser coerentes e prestar igual consideração aos animais.

Não se trata de nos preocuparmos com o modo como esses animais são explorados: se são bem ou mal tratados, se o manejo é truculento ou suave, se a alimentação que eles recebem é mais ou menos balanceada, se eles têm ou não espaço suficiente. Trata-se de questionar se eles deveriam ser explorados sob qualquer forma e para qualquer fim que seja, pois eles prezam pela sua vida e liberdade tanto quanto qualquer um de nós [...]”¹⁰.

Ao tratar do contexto de violência na Colômbia, Jimeno (2010) faz algumas observações que me parecem bastante adequadas para também pensarmos o contexto do ativismo vegano, sobretudo no momento em que os ativistas pretendem estabelecer um paralelo entre o sofrimento humano e o animal. A autora observa que as narrativas das experiências de sofrimento assumem a forma de testemunhos pessoais comunicados por meio de uma linguagem marcadamente emocional. Tal linguagem é concebida como elemento chave na formação de comunidades fundadas na partilha de um sentimento ou o que a autora chama de “comunidades emocionais, de moralidade, fundadas numa ética do reconhecimento” (JIMENO, 2010, p.103). A autora também destaca que essa linguagem emocional possui uma enorme capacidade de criar laços que têm efeitos políticos na vida das pessoas:

“[...] na medida em que constrói uma versão compartilhada dos acontecimentos de violência da última década e serve de alicerce para uma ética do reconhecimento e para ações de protesto e de reparação, visto que é um mediador simbólico entre a experiência subjetiva e a generalização social.” (JIMENO, 2010, p. 99).

De toda forma, a “sensibilização emocional” está longe de ser algo presente apenas no movimento pelos direitos animais. Constitui um fator central na narrativa de vários outros movimentos sociais. Apenas para citar um exemplo, ao pesquisar o ativismo de HIV/Aids na cidade do Rio de Janeiro, Carlos Guilherme do Valle mostrou como nos eventos públicos “havia a intenção de desestabilizar e criticar o preconceito e as práticas de estigmatização, além de estimular, através da presença corporal e da própria performance, uma mudança de atitude e favorecer o posicionamento crítico diante da epidemia.” (VALLE, 2017, p. 96).

No próximo tópico, apresentarei o contexto de uma manifestação protagonizada por ativistas veganos. Este tópico é particularmente importante, pois veremos, a partir de uma série de ações, como se materializa e se concretiza parte do discurso dos defensores dos direitos animais em sua perspectiva abolicionista. Entendo aqui as mobilizações políticas por meio da noção de *performance*, tal como conceituado por Turner (1987). Trata-se de um evento crítico, uma situação extraordinária, marcada por uma ruptura no fluxo da ação e da ordem social em que os atores estão de alguma maneira manifestando simbolicamente algo sobre os seus valores e sobre o mundo social.

ETNOGRAFANDO O MCDIA IN-FELIZ

Parte das pessoas que estavam no III Congresso de Bioética e Direitos Animais, realizado na cidade do Recife (22 a 25 de agosto de 2012) ainda se encontrava no auditório principal (CCSA-UFPE) quando uma voz anunciava no megafone que, em pouco tempo, haveria uma manifestação pública contra o McDonald’s. Essa manifestação não fazia parte da programação oficial do Congresso, sendo na verdade, parte da agenda anual de atividades do Veddas, que naquele ano, coincidiu com a data do Congresso de Bioética e Direitos Animais. Assim, a manifestação que ocorreu em Recife foi organizada por integrantes do Veddas-RN e Veddas-SP que estavam presentes no Congresso de Bioética e Direitos Animais. De forma concomitante, o ato também foi realizado nas cidades de Natal – organizada pelos integrantes do Veddas que não foram ao Congresso em Recife – e em São Paulo, cidade de origem do Veddas e onde a atividade já ocorre há vários anos.¹¹ Esse ponto é particularmente importante, pois evidencia a existência de uma articulação ou mesmo uma rede de ativismo pelos direitos animais composta por pessoas de diversos estados brasileiros¹².

Sáimos da UFPE em três carros em direção ao McDonald’s da Avenida Agamenon Magalhães, uma das principais vias da cidade do Recife. A maioria das pessoas que estavam nesses carros eram integrantes do VEDDAS. Ao estacionar os carros próximo ao local da manifestação, uma pequena reunião se iniciou. Quem primeiro falou foi o presidente da organização de São Paulo, *vegano* e ativista do movimento de defesa animal há bastante tempo. Ele é formado em nutrição e especializado em dietas vegetarianas. Dando início a mobilização do grupo, falou: “bem, queria só ter uma conversa com vocês antes deste ato”. Disse a todos que se tratava de uma manifestação pacífica e que a finalidade maior do evento era questionar o que chamou de “hipocrisia” por parte do McDonald’s. Para ele, não havia nada mais contraditório do que uma cadeia de *fast food* que passa o ano inteiro comercializando alimentos causadores do câncer, querer em apenas um dia do ano, chamado pela empresa de “*McDia Feliz*”, promover sua imagem, num ato de “esperteza publicitária”, doando parte de suas vendas para uma instituição que trata de crianças com câncer – o Núcleo de Apoio a Criança com Câncer (NAAC). Vejamos abaixo, o texto que foi publicado no portal eletrônico da entidade a respeito da manifestação:

“Todos os anos, o VEDDAS realiza um protesto contra o “McDia Infeliz”, data em que a rede de lanchonetes realiza uma campanha nacional de desinformação através da qual busca vincular sua imagem ao combate do câncer. O que não passa de uma grande hipocrisia, uma vez que essa empresa promove uma alimentação que traz justamente as características que promovem a doença. Além de promover intensamente o consumo de uma dieta rica em gordura e carboidratos refinados e pobre em fibras e substâncias protetoras, fomenta uma indústria que a cada ano explora bilhões de animais sencientes em todo o mundo. O protesto é uma oportunidade de esclarecer ao público sobre a realidade dos alimentos de origem animal, enquanto denuncia a manipulação da informação para manter as pessoas alienadas sobre o que comem. O tradicional protesto de São Paulo contra o “Mc Dia Infeliz”, ocorrerá também em Recife e Natal. Participe. Traga sua voz e energia!”¹³.

Ao continuar sua fala, alertou primeiramente os ativistas que não deveriam responder a eventuais provocações e, sobretudo, em caso de a polícia aparecer, não deveria haver preocupação, pois o ato ocorreria na rua, um espaço público, e, portanto, os policiais nada poderiam fazer. Seguiu dizendo que, ao contrário, talvez fosse até interessante que a polícia estivesse presente, pois serviria como uma espécie de proteção para possíveis conflitos. Dito isso, uma fotografia foi tirada com o grupo de ativistas que ali se encontravam. Depois disso, atravessamos a avenida e seguimos em direção ao McDonald’s. Chegando lá, todos se concentraram na calçada que guardava entrada e saída de veículos. Esse lugar também apareceu como estratégico, uma vez que se situava à frente do rol onde estava acontecendo o “*McDia feliz*”.

Logo ficou claro um primeiro impasse para os manifestantes. A loja estava equipada com um som potente, o que de início, iria dificultar a audição da mensagem que os ativistas veganos gostariam de passar através do megafone. Mas era apenas isso. Naquele momento, eram as crianças assistidas pela NAAC que estavam dentro da loja cantando uma música no microfone. De imediato, uma pequena reunião se formou onde foi decidido que aquele momento não era o mais apropriado para usar o megafone. Logo, os manifestantes se distribuíram na calçada da loja e assim permaneceram por algum tempo distribuindo panfletos, segurando *banners* e interagindo com os passantes, motoristas e pessoas nos ônibus e carros.

As imagens e palavras contidas na maioria dos *banners* eram impactantes. De fato, foram produzidos com uma intenção: sensibilizar. Trata-se daquilo que James M. Jasper define como *moral Shock* ou “el vertiginoso sentimiento que se produce cuando un suceso o información muestra que el mundo no es lo que se esperaba, el cual a veces puede llevar a la articulación o el replanteo de los principios morales” (JASPER, 2013, p. 62).

Em uma das imagens dos *banners* do Veddas estava estampado “indústria da morte”, inclusive a palavra morte estava destacada em vermelho. Em um outro, a imagem era de um bovino já sem cabeça e sem pele, pendurado de cabeça para baixo numa máquina parecida com a mencionada anteriormente. A mensagem desta vez era a seguinte: “Executado para seu prazer” – seu prazer eram as palavras em vermelho. Num terceiro banner, a imagem era similar à anterior, a diferença era que na mesma máquina e de cabeça para baixo – e sem a cabeça – os animais ainda se encontravam com a pele; desta vez, a mensagem era a seguinte: “você compra, ele mata”. É interessante ressaltar que em muitos dos *banners* ou panfletos exibidos nos atos públicos, o pronome pessoal “você”, aparece com grande frequência indicando que o poder de mudança ou permanência com relação à exploração animal está posto nas mãos das próprias pessoas. Essa *autoatribuição de responsabilidade* (PORTILHO, 2008) parece ter um efeito duplo, pois, ao mesmo tempo em que está relacionada à compreensão

de que “ações individuais” são portadoras de alguma eficácia, no sentido de “o que eu faço importa e pode repercutir”; por outro lado, cria-se uma atmosfera de “culpabilização” das próprias pessoas que, doravante, passam a ser, então, responsáveis também por sustentar a indústria da “exploração animal”.

Os ativistas que distribuíam panfletos tinham mais oportunidade de interagir com as pessoas que andavam nas calçadas próximas ao Mc Donald’s, elucidando os motivos do protesto. Os carros e ônibus que passavam na avenida Agamenon Magalhães também foram diretamente abordados. Sempre que o sinal fechava, alguns ativistas ocupavam a faixa de pedestre dando maior destaque a exposição dos banners, enquanto outros se dirigiam até os veículos parados na tentativa de interagir com os condutores.

Para promover o *McDia Feliz*, o McDonald’s contou com a ajuda de vários voluntários que executavam funções diferentes. Assim, enquanto uns ajudavam na organização do interior da loja, outros, vestidos de palhaços, animavam as crianças. Havia ainda uma equipe de voluntários que atuavam nas ruas, incentivando motoristas e passantes a comprarem no Mc Donald’s, pois estariam ajudando as crianças com câncer. Eram adolescentes em sua maioria, usavam roupas coloridas e camisas do McDonald’s. Alguns deles tinham rostos pintados e seguravam placas com palavras soltas que, quando postas em ordem, formavam a seguinte frase: “Dia de comprar *Big Mac*” – ao final, uma placa continha a imagem de um rosto sorridente. Também seguravam uma grande faixa com os seguintes dizeres: “No dia 25 de agosto + (neste espaço continha a foto de um Big Mac) = *McDia Feliz*. Outra frase dizia o seguinte: É hoje + NAAC + Big Mac = o dia feliz.

Figura 1 - O dia Feliz



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Ativistas veganos e voluntários do Mc Donald’s ocupavam a mesma calçada, o mesmo semáforo. Quando o sinal fechava, ambos se dirigiam à faixa destinada aos pedestres, uns com seus banners contendo mensagens de cunho crítico ao consumo de carne, outros incentivando a compra do Big Mac e dando visibilidade ao *Mc Dia Feliz*.

Figura 2 - Na mesma faixa



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Muitos motoristas ficavam confusos ao se depararem e serem abordados por pessoas motivadas por causas tão distintas. Assim, pude presenciar, em vários momentos, o mesmo veículo ser abordado por pessoas de ambos os grupos.

Após alguns minutos as crianças haviam parado de cantar e o som que vinha do salão de festas não estava tão alto. Foi quando o presidente geral do Veddas pegou o megafone e, na direção das pessoas que estavam nesse mesmo salão, começou a falar:

“A alimentação do Mc Donald’s é uma alimentação que durante todos os dias do ano causa câncer. Alimentação rica em gordura saturada, colesterol, com produtos de origem animal, fruto do sofrimento e da morte de animais, quer passar uma imagem boazinha, de que num dia do ano ajudam as crianças; vocês querem ajudar as entidades, vocês podem doar diretamente pra NAAC, vocês não precisam participar dessa campanha hipócrita, de desinformação promovida pelo Mc Donald’s.... O *McDia Feliz* é uma mentira, feita pra manipular as pessoas, para querer criar uma imagem de que essa rede de lanchonetes tem algum interesse em promover a saúde das pessoas, quando, na verdade, tudo que ela deseja promover é sua autoimagem... quem quiser mais informação, pode vir pegar panfleto na saída, que a gente produziu pra informar vocês, o que tá realmente por trás do hambúrguer, do Big Mac, do Mcfish e todos os produtos de origem animal. Causam doenças, destroem o meio ambiente, destroem a sociedade[...].” (VEDDAS, 2012).

Enquanto essas palavras eram pronunciadas, as pessoas que estavam no salão olhavam na direção do megafone com olhares que misturavam tanto repúdio como incompreensão. Ouvi uma senhora dizer, quando saía de seu carro: “ele tá doido, é?”. Nitidamente, muitas das pessoas que passavam não conseguiam compreender como um ato supostamente tão “benéfico”, o *McDia Feliz*, poderia ser contrariado e alvo de tamanho protesto. Logo, uma música foi posta em um volume suficientemente alto para que nada que fosse dito por meio do megafone pudesse ser ouvido por quem estava no salão de festas.

Um dos voluntários do Mc Donald’s que usava traje de palhaço chegou muito educadamente nos ativistas veganos, pediu licença, e falou as seguintes

palavras: “Oi, vocês estão sabendo de alguma coisa que eu não estou sabendo?” No mesmo tom, um dos ativistas respondeu, explicando as causas e motivações do protesto. Continuando o diálogo, disse o homem vestido de palhaço: “Fui chamado aqui, nem tenho tanto tato com criança, mas vim fazer a minha parte, vim para ajudar. Entendo o posicionamento de vocês, mas vocês deveriam ter feito esse protesto ontem ou então amanhã, mas logo hoje?” Em seguida, encerrou a sua fala em tom de incompreensão, enquanto a manifestação continuava. Integrantes de outras organizações de defesa dos direitos animais que também estavam em Recife por ocasião do Congresso de Bioética, chegavam aos poucos. Estavam por lá representantes da *Ativeg*¹⁴ Recife e também da *Divers for Sharks* – uma organização que possui como foco principal de luta a proteção aos tubarões. Outras pessoas que estavam no Congresso, mas não eram diretamente ligadas às entidades ali presentes também começaram a chegar. Em seu maior pico, pude contar cerca de trinta pessoas. A chegada dessas pessoas acabou dando mais corpo ao protesto. Frases de efeito foram escritas em cartolinas, que se somaram ao lado dos já conhecidos *banners* do Veddas. Numa delas, estava contido os seguintes dizeres: “Hipocrisia - 364 dias promovendo o câncer e 1 combatendo”.

Essas pessoas se espalharam por toda a calçada do Mc Donald’s. Os voluntários que trabalhavam na campanha do *McDia Feliz* começaram a se sentir um tanto incomodados com a presença de tantos manifestantes e um clima de disputa começou a irromper. Dividindo a mesma faixa e a mesma calçada, era nítida a sensação de desconforto quando os manifestantes se colocavam na frente das placas e das faixas seguradas pelas mãos dos voluntários que apoiavam o *McDia Feliz*. A essa altura, já estava claro para as pessoas que estavam no Mc Donald’s que a manifestação estava sendo realizada por vegetarianos ou *veganos*, fato que fez com que um grupo de voluntários que estavam descendo a calçada em direção a faixa de trânsito da Av. Agamenon Magalhães, gritassem desordenadamente palavras que faziam alusão ao consumo da carne: “Carne, carne, carne, vamos comer carne!”

Fato curioso e inusitado foi a reação de uma das voluntárias do Mc Donald’s que não concordou com a provocação dos seus amigos e se dirigiu até o grupo de manifestantes para o qual as palavras foram direcionadas com um pedido de desculpas: “Peço desculpas pelos meus amigos, estou me sentindo envergonhada”. Aproveitei a ocasião e conversei rapidamente com ela. Tinha dezessete anos e me contou que já havia tentado se tornar vegetariana há pouco tempo atrás, mas infelizmente não havia conseguido, pois “é muito difícil”, segundo ela. Perguntei como havia se tornado uma voluntária do Mc Donald’s. A jovem respondeu que a escola em que estudava, todos os anos apoiava o *McDia Feliz*, e, assim, enviava seus alunos para colaborar na campanha. Ela me contou também que ganharia pontos extras nas disciplinas por estar colaborando. Rapidamente nos despedimos: “Tenho que voltar”, disse ela, seguindo na direção do seu grupo, que já ocupava a linha de pedestre estendendo uma de suas faixas.

Depois de duas horas e meia, aproximadamente, do início do protesto, uma pequena reunião se iniciou. O presidente do Veddas falou que a ideia inicial era fazer uma manifestação com cerca de três horas, tempo que estava perto de se esgotar, e, para a maioria dos manifestantes já havia sido suficiente para comunicar à mensagem que eles pretendiam passar. Foi decidido, então, que para encerrar a manifestação, todos iriam fazer algo mais “enérgico”. Algumas palavras de ordem foram ensaiadas e todos os manifestantes de uma só vez se dirigiram para a entrada do McDonald’s que dava de frente para o salão onde estava sendo realizado o *McDia Feliz*. Uma voz no megafone gritou as primeiras palavras: “McDonald’s”, enquanto o restante dos manifestantes completava:

“hipocrisia”. As falas se intercalavam entoando um só grito: “McDonald’s, vergonha”, “McDonald’s, hipocrisia!!!!”. O ativista que estava com o megafone começou a caminhar no estacionamento da loja em direção ao salão onde o evento era realizado, enquanto os demais manifestantes lhe seguiam. Poucos passos foram dados e logo os seguranças e funcionários da loja se colocaram à frente impedindo o avanço dos manifestantes. Uma tensão se formou e alguns empurrões foram trocados. O gerente da loja falava para os manifestantes que na calçada eles poderiam fazer o que bem entendessem, mas não poderiam fazer o mesmo no interior da loja, pois estariam dentro de uma propriedade privada e sem autorização alguma para ocuparem aquele espaço. Um dos clientes que se identificou como policial endossou as palavras do gerente. Este último, muito mais exaltado, pouco conseguiu dialogar, logo chamou o manifestante com megafone de ‘palhaço’ e se recolheu para o interior da loja, visivelmente irritado. Enquanto isso, o gerente, com a ajuda dos seguranças, tentava empurrar os manifestantes de volta para a calçada, o que finalmente ocorreu. De volta à calçada, os mesmos gritos continuaram a ser entoados. Nesse momento, o som da loja foi aumentando e os voluntários que estavam colaborando com a sua campanha começaram a gritar o nome da instituição que estava sendo beneficiada pelo *Mc Dia Feliz*: “NAAC, NAAC, NAAC”. Poucos metros separavam manifestantes e voluntários que permaneceram por alguns minutos entoando os seus gritos. Nesse momento, cheguei a notar que a menina de dezessete anos e voluntária do McDonald’s, com quem eu havia conversado, estava sentada na grama, desolada, lágrimas nos olhos, e, imagino, vivendo uma situação de conflito pessoal. Naquele momento, o “choque moral” do qual nos fala James Jasper, parece ser bastante adequado para compreender o momento em que vivia a tal adolescente. Tal como assevera o autor, a expressão foi por ele utilizada para descrever

“[...] o sentimento inquietante, perturbador, que surge quando acontece alguma coisa que lhe mostra que o mundo não é como você pensava, que alguém é mais repulsivo, que um problema é mais grave do que você tinha imaginado. Os choques morais abalam seu senso de realidade e normalidade e, por vezes, levam a uma profunda avaliação de sua vida e seus valores. São eficazes quando nos surpreendem, quando nos oferecem uma conexão solidária com os outros seres humanos e possivelmente quando nos permitem expressar uma emoção que anteriormente desconhecíamos.” (JASPER, 2016, p. 126).

À medida que o tempo passava, os ânimos foram se acalmando. Uma rápida reunião se formou, e os manifestantes decidiram que o protesto já tinha cumprido o seu propósito. Conversas paralelas se formaram e algumas pessoas trocaram contato e, aos poucos, as pessoas foram se dispersando e indo embora. No final, quando parte dos manifestantes atravessavam a rua para retornarem aos carros, duas viaturas da polícia encostaram na calçada, porém não havia mais o que fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentei, ao longo deste artigo, demonstrar as conexões entre o ativismo vegano e suas formas de atuação com um tema mais abrangente, que envolve mobilização política e emoções. Para tornar tal empreendimento possível, recorri a dois momentos que julguei serem centrais ao longo da minha pesquisa etnográfica. O primeiro deles envolve o processo de tornar-se ativista vegano. Aqui, vimos que as pessoas mais experientes possuem um papel central, sobretudo no sentido de incentivar, auxiliar, tirar dúvidas, dar força aos neófitos, nesse que é um verdadeiro processo de aprendizado. Não por um acaso, algumas das

organizações de ativismo pelos direitos animais promovem o que costumam chamar de “oficinas de ativismo”¹⁵. Nesses eventos, as pessoas aprendem uma série de técnicas que envolvem desde as melhores formas de abordar um determinado assunto, chegar até uma pessoa, como se portar, demonstrar segurança, munir-se dos melhores argumentos ou responder a determinados questionamentos. No fim das contas, os ativistas são, de alguma forma, verdadeiros peritos em um determinado assunto.

Tornar-se ativista também produziu uma série de repercussões na vida dessas pessoas. Algumas delas deixaram de fazer coisas que seriam importantes na sua vida pessoal para trabalharem em prol de um ideal que querem pôr em prática. A esse respeito, é que apareceu na percepção dos interlocutores a valorização de um modelo de ativismo que envolve o autossacrifício. De acordo com Perez (2012) envolve a

“Disposição de deslocar-se de si mesmo, de colocar-se no lugar dos outros, de assumir suas penas e dores. Postura que exige a anulação do sentido de indivíduo entendido na perspectiva da modernidade, de ser o eixo da história, conforme indica Dumont: “ser moral, independente, autônomo, e, por consequência, essencialmente não social, que veicula os nossos valores supremos e ocupa o primeiro lugar na nossa ideologia moderna do homem e da sociedade (1992:35).” (PÉREZ, 2012, p. 355).

Também pude perceber que a maioria dos sujeitos desta pesquisa se tornaram ativistas a partir do entendimento de que apenas demonstrar suas inquietações com a exploração animal por meio das escolhas de consumo não é considerado suficiente para alcançarem aquilo que almejam. Os boicotes, tornam-se sim, importantes ferramentas de ação, na medida em que podem ser tomados como uma primeira forma de pôr em prática, conferir objetividade e materializar um certo conjunto de ideias – o abolicionismo animal. Mas para os ativistas veganos desta pesquisa, não é possível cessar aí. É preciso fazer mais. E esse fazer mais inclui tornar público seu descontentamento, sair às ruas, fazer manifestações, promover eventos, dialogar ou mesmo entrar em conflito.

Nesse processo, o debate em torno das emoções ganhou relevância, uma vez que boa parte do aparato de mobilização presente no ativismo vegano, no momento em que realizei a pesquisa, buscou sensibilizar e conscientizar o outro através de uma linguagem – seja ela verbal ou não – emocional. Um fato interessante a ser destacado é que, apesar dos ativistas muitas vezes justificarem os motivos que os levaram a se tornarem veganos por meio de argumentos filosóficos e éticos baseado nos direitos animais, pude perceber que o que parece tocar mais as pessoas na prática não são os argumentos de ordem racional. Não foi por um acaso que o ponto de virada para muitos dos interlocutores dessa pesquisa se tornarem veganos ou ativistas veganos, tenha se dado a partir do contato que tiveram com filmes e vídeos, a exemplo de *Terráqueos* e *a Carne é Fraca*. Cientes da eficácia que esses meios e linguagens produzem, muitos ativistas acabam levando esses recursos para compor parte de suas ações públicas.

O estabelecimento de simetrias entre humanos e animais constitui um elemento chave. Uma espécie de reconhecimento a partir da dor e sofrimento de um “outro” que parece estar cada vez mais próximo de um “nós”, mediante um processo de produção de identificação entre as espécies (SEGATA, 2012).

Noções como senciência – capacidade de sentir e sofrer –, são constantemente evocadas nos discursos e manifestações com o objetivo de produzir equivalências – aproximar humanos e animais, pois ambos possuem capacidades de sentir e sofrer – constituindo um cenário em que o sofrimento é evocado tanto para torná-los passíveis de consideração moral (FRANCO, 2012) quanto

para a reivindicação de direitos. Dessa forma, o conteúdo emocional presente nas formas de comunicação ativista deixa de ser apenas um sentimento individual e passa a ser uma mediatrix para a construção de relações sociais entre as pessoas, o que permite o entendimento das emoções não apenas enquanto forma de expressão e juízo de valor sobre o mundo social do qual fazemos parte, mas também e principalmente como algo que alimenta ou constitui a própria ação política.

Nesse sentido, o *McDia Infeliz* pode ser tomado como um bom exemplo de expressão das práticas, linguagens e estratégias presentes no ativismo vegano. Os banners, os panfletos e palavras proferidas no megafone se coadunavam para produzir verdadeiros choques morais. A grande questão aqui, é que o próprio “choque moral” possui uma dupla face. Possui um alto poder de mobilização, na medida em que retira o outro da sua zona de conforto – quando são confrontados com uma realidade aparentemente desconhecida, e por isso, com potencial de fazer as pessoas refletirem – e, a partir daí, gerar indignação e solidariedade. Tal fato, inclusive, ocorreu quando a jovem que trabalhava como voluntária do *McDia Feliz* disse ter se sentido envergonhada pela atitude de seus colegas. Por outro lado, não raro, esse tipo de atitude também pode afastar ou, no mínimo, incomodar muitas pessoas, como também ocorreu quando algumas pessoas acusaram os ativistas veganos de estarem sendo insensíveis por fazerem o protesto justamente no dia em que estavam presentes crianças com câncer. Como pontua Jasper, essa questão parece tomar a forma de um verdadeiro dilema: “se você for rápido demais na tentativa de mudar os sentimentos das pessoas, pode acabar perdendo seu público; se for lento demais, pode não obter as mudanças que deseja” (JASPER, p. 126, 2016).

No caso do *McDia Infeliz*, os ativistas veganos encontraram um “adversário” poderoso. Utilizar-se de uma linguagem emocional para ganhar o apoio e a adesão das pessoas para a sua causa não é privilégio do ativismo vegano, tampouco dos movimentos sociais. O que parece ter ocorrido em tal ocasião, foi um verdadeiro choque de linguagens emocionais.

NOTAS

¹ Capacidade de sentir. Adquire centralidade no ativismo vegano por ser entendida por muitos como a qualidade que iguala animais humanos e não humanos.

² Termo utilizado para designar a prática de sujeitos que, movidos por princípios éticos baseados nos direitos dos animais, recusam-se a consumir todo e qualquer produto de origem animal.

³ Diante desse conjunto de fatos, alguns autores têm argumentado no sentido de estar havendo uma transformação no modo de olhar e na sensibilidade humana com relação aos animais. E nesse sentido, além dos exemplos já mencionados acima, outros fatores aparecem como sendo sintomáticos dessas mudanças. Tais como as atitudes de cuidado, “filhotização” e humanização conferida a certos animais, o crescimento da indústria *Pet* sua ampla oferta de produtos, serviços e tratamentos para animais, sobretudo cães e gatos, que chega a se confundir com aqueles conferidos aos humanos (SEGATA, 2012).

⁴ Disponível em: <http://veddas.org.br/sobre-o-veddas/> > Acesso em 10.04.2012

⁵ Havia exceções. Durante um certo período, uma senhora com quase 70 anos de idade passou a colaborar e participar regularmente das atividades do grupo.

⁶ A respeito dos impactos e repercussões que a decisão de se tornar vegano imprime às vidas dessas pessoas, ver: VILELA, D. B. L. Consumo Político e Ativismo Vegano na cidade do Natal/RN: boicotes, compra intencional, materialização de valores e dilemas da politização do consumo na vida cotidiana. In: 8º Encontro Nacional de Estudos do Consumo - Comida e Alimentação na Sociedade Contemporânea, 2016, Niterói. Anais VIII ENEC, 2016.

⁷ Palestra realizada na Universidade Geórgia Tech, nos EUA, em 2010, que ganhou repercussão global na internet, com mais de um milhão de acessos.

⁸ Cabe ressaltar que, ao longo da minha pesquisa, pude constatar que os vídeos, documentários e filmes possuem uma importância crucial no processo de se tornar vegetariano e veganos.

⁹ Disponível em: <http://www.anda.jor.br/25/04/2012/mulher-vive-um-dia-de-cobaia-e-se-submete-aos-mesmos-testes-que-os-animais-sofrem-nos-laboratorios>> Acesso em: 25 de abril de 2012.

¹⁰ Trecho de um panfleto distribuído pelo Veddas e lido em um megafone durante uma manifestação.

¹¹ No período em que foi realizado o congresso, não havia Veddas em Recife. Algumas semanas depois, certamente com os contatos feitos durante esse evento, criou-se o Veddas-PE.

¹² Tive a oportunidade de acompanhar a manifestação numa condição bastante privilegiada para um pesquisador. Fiquei responsável por fazer as fotos e filmar, o que me permitiu circular com bastante naturalidade mesmo entre aqueles que não me conheciam.

¹³ Disponível em: <www.veddas.org.br> Acesso em 30 de agosto de 2012.

¹⁴ Sigla para Ativismo Vegetariano. Trata-se de um outro grupo voltado para o ativismo pelos direitos animais.

REFERÊNCIAS

FERRIGNO, Mayra Vergotti. *Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas/SP. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. São Paulo, 2012.

FRANCIONE, Gary. *Animals as persons: essays on the abolition of animal exploitation*. New York: Columbia University Press, 2008.

FRANCO, Ana Paula Perrota. *O “sofrimento” como justificativa para a reivindicação de uma nova relação entre humanos e animais*. XV Encontro de Ciências Sociais - Norte/Nordeste (CISO)- 2012 – UFPI. Disponível em: <<http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT03-53.pdf>> Acesso em: 02 jan. 2016

GOODWIN, Jeff; JASPER, James M.; POLLETTA, Francesca (orgs.) 2001. *Passionate Politics – emotions and social movements*, Chicago and London, The University of Chicago Press.

JASPER, James M. Las emociones y los movimientos sociales: veinte años de teoría e investigación. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, v. 4, n. 10, p. 48-68. Diciembre 2012-marzo de 2013. Argentina. ISSN: 1852-8759.

_____. *Protesto – Uma introdução aos movimentos sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

JIMENO, Myriam. Emoções e política: a vítima e a construção de comunidades emocionais. *Mana*. Rio de Janeiro, v. 16, n.1, p.99-121, 2011.

MATOS, Liziane Gonçalves de. *Quando a “ajuda é animalitária”*: um estudo antropológico sobre sensibilidades e moralidades envolvidos no cuidado e proteção abandonados a partir de Porto Alegre/RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul / UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, 2012.

MILLER, Daniel. *Teoria das compras: o que orienta as escolhas dos consumidores*. São Paulo: Nobel, 2002.

MUNRO, Lyle. The Animal Rights Movement in Theory and Practice: a Review of the Sociological Literature. *Sociology Compass*. 2012.

- PÉREZ, Andrea Lissetti. “O exército dos mortos”: sentido do sacrifício e da transcendentalidade na militância revolucionária, Caso do Exército de Libertação Nacional (ELN) da Colômbia. In *MANA*, v. 18, n. 2, p. 349-377, ago. 2012.
- PORTILHO, Fátima. A alimentação no contexto contemporâneo: consumo, ação política e sustentabilidade. *Ciência e saúde coletiva*, Rio de Janeiro, p. 99-106, jan. 2011.
- SEGATA, Jean. *Nós e os outros humanos, os animais de estimação*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. UFSC. Florianópolis, 2012.
- SINGER, Peter. *Libertação Animal*. Porto: Via optima, 2008.
- SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n.21, set-dez, p. 187-226, 2016.
- SORDI, Caetano. “O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais”. *Cadernos IHU Ideias*, v. 9, n. 147, 2011.
- TURNER, Victor. *The anthropology of performance*. Nova York: PAJ Publications (1987).
- VALLE, Carlos Guilherme do. “Afirmando-se a vida, constrói-se o tempo: experiência, emoções e ativismo político contra a AIDS”. *Interseções, Revista de Estudos Interdisciplinares*, v. 19, n. 1, 77-105, jun. 2017.
- VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia Urbana*. (Hermano Vianna, Karina Kuschnir, Celso Castro, orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2013.